



Universidade Fernando Pessoa

www.ufp.pt

Inês Pereira

Jornalismo Participativo

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Porto, 2023



Universidade Fernando Pessoa

www.ufp.pt

Inês Pereira

Jornalismo Participativo

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Licenciatura em Ciências da Comunicação
Porto, 2023

Projeto de Graduação

Jornalismo Participativo

Inês Pereira

Trabalho apresentado à Universidade Fernando
Pessoa como parte dos requisitos para obtenção
do grau de licenciatura em Ciências da
Comunicação

Resumo

Nos dias de hoje o desejo de interação e quebra de barreiras da sociedade tem vindo a revolucionar os meios de comunicação, o jornalismo não é exceção. O rápido crescimento da internet e as redes sociais são um dos seus grandes epicentros desta revolução, este “mundo” onde todos podemos interagir com qualquer parte do globo e receber informação rapidamente resulta de grandes reformas jornalísticas que deixam o público a desejar por mais. As audiências deixam de apenas ser espetadores e ambicionam participar, agora podem interagir com a notícia por meios de gostos, partilhas e comentários nos quais muitas das vezes informação é adicionada, podem também mais facilmente contactar os jornalistas e esperam algum tipo de poder sobre as agendas jornalísticas. No entanto este novo meio dá origem a discordâncias e problemas entre ambos desde questionamentos sobre imparcialidade da imprensa a difusão de informação falaciosa.

Neste projeto serão analisados dois casos, ambos se desenrolam maioritariamente nas redes sociais, assim analisaremos o comportamento dentro das mesmas e as repostas e ações dos jornalistas sobre elas, esta colaboração será explorada e serão apontados todas os seus proveitos e erros. Primeiro analisaremos o exemplo de Luka Magnotta e a sua grande busca *online*, em segundo observaremos os crimes sexuais de Harvey weinstein principalmente o momento em que as redes sociais começam a ser utilizadas para denunciar o magnata. Desta forma será fornecida uma boa visão destas novas ferramentas e de como são utilizadas pelos meios de comunicação para fornecimento, processamento e divulgação de informação.

Palavras-chaves: Cidadão, Jornalista, Redes Sociais, colaboração

Abstract

In today's world, the desire for interaction and breaking down social barriers has been revolutionizing the means of communication, and journalism is no exception. The rapid growth of the internet and social media is one of the main epicenters of this revolution. This "world2 where everyone can interact with any part of the globe and receive information quickly is a result of significant journalistic reforms that leave the public wanting more. Audiences are no longer just mere spectators, but rather aspire to participate. Now they can interact with news through likes, shares and comments, often contributing additional information. They can also easily get in touch with journalists and expect some sort of influence over the news agenda. However, this new element gives rise to disagreements and issues between both parties, from questioning the impartiality of the press to the dissemination of false information.

In this project, two different cases will be analyzed, both mainly unfolding on social media. We will examine the behavior within these platforms and the responses and actions of journalist regarding them. This collaboration will be explored, and all its benefits and mistakes will be pointed out. First we will study the case of Luka Magnotta and his intense online manhunt. Second, we will look over the sexual crimes committed by Harvey Weinstein, particularly the moment when social media starts being used to expose the magnate. This will provide a good insight into these new tools and how they are used by the media for the sourcing, processing and spreading of information.

Keywords: Citizen, Journalist, social media, Collaboration

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Universidade Fernando Pessoa por estes anos de ensino onde vim a evoluir e a aprender e tampouco a todos os seus profissionais que sempre nos incentivaram a progredir e nos lecionaram com carinho. Em particular gostaria de agradecer ao professor Eduardo Paz pelo apoio que senti durante o tempo em que estive com ele, pelas nossas conversas sobre temas em comum e por toda a afeição que senti por parte dele.

Em especial gostava de agradecer ao professor Ricardo Jorge Pinto não só por toda a ajuda que recebi neste momento final, no qual estava sempre disposto a ajudar-me e a guiar-me, mas tampouco por tudo o que me ensinou e por sempre se esforçar nas aulas e dar o melhor de si como professor apoiando e incentivando os alunos.

Por fim, agradeço á minha família e amigos por estarem ao meu lado em todos os momentos e por todo o auxílio que me tem vindo a dar ao longo de todos estes anos.

Índice

1. Introdução	9
2. Breve Definição de Jornalismo Participativo	11
3. Análise de casos	18
3.1 Don't F*ck With the Cats	18
3.2 Harvey Weinstein	30
4. Conclusão	41

1. Introdução

Neste presente projeto o tema é o jornalismo participativo, teve como base um trabalho executado na cadeira Gramática VI sobre o mesmo tópico, assim serão apresentados dois distintos casos sendo que ambos são recentes, 2010 e 2017. A temática em questão está muito em voga e em constante evolução o que também foi umas das razões para a sua seleção.

Numa sociedade obcecada com o momentâneo e interação, consequência das redes sociais e internet, uma transformação do jornalismo seria de esperar. Agora observamos o seu desenvolvimento em primeira mão como sites jornalísticos, perfis de jornalistas e jornais nas redes sociais com a possibilidade de interação do próprio cidadão. Esta “novidade” é algo ainda em progresso, mas é fascinante observar como as barreiras entre jornalista e cidadão se confundem, sendo utilizadora de redes sociais e consumidora de notícias. É importante perceber o jornalismo participativo como uma ferramenta do jornalismo e para tal ambas as vantagens e desvantagens devem de ser notadas uma vez que com a linha a tornar-se cada vez mais ténue os erros tampouco se podem tornar mais comuns, sendo que o cidadão não é preparado da mesma forma que o jornalista.

O primeiro caso, o de Luka Magnotta, foi escolhido visto ser um assunto cujo me lembro de ler artigos em revistas e ficar cativada em como simples cidadãos eram capazes de traçar o perfil e descobrir um assassino usando apenas os meios a seu dispor. Tendo em conta que comecei a usar a internet desde cedo tinha tampouco a noção das atrocidades cometidas pelo assassino e sentia-me revoltada e todo o sucedido dava uma sensação de poder e possibilidade de evitar e auxiliar a evitar este tipo de atos. O segundo caso tampouco foi eleito pela proximidade que tive com o mesmo, acompanhei de perto todo o seu desenvolvimento pois foi um assunto que eclodiu e se difundiu nas redes sociais, para além do mais sendo apoiante de movimentos feministas foi um acontecimento de grande interesse. Assistir a todas as mulheres revoltarem-se e denunciar os seus abusadores e incentivarem outras a fazerem o mesmo foi um evento memorável e inspirador.

Neste trabalho conjugo os meus interesses com um tema jornalístico de grande importância nos dias de hoje. Aspirando pertencer ao meio jornalístico, mas pertencendo ao público é interessante compreender o impacto do cidadão e a reação do jornalista, notando os seus antagônicos pontos de vista e inclinações. Percebemos assim a dimensão da repercussão causada pela comunidade que decidiu insurgir-se contra certos episódios e fazer-se ouvir, assim como saliento o trabalho do jornalista não como veículo de informação destas vozes, mas como participante que as destacou e selecionou.

2. Breve Definição de Jornalismo Participativo

Os meios de comunicação têm passado por inúmeras mudanças nas últimas décadas, o jornalismo não é exceção e um destes exemplos é o jornalismo participativo, também chamado de jornalismo do cidadão ou jornalismo público. Este é um tipo de jornalismo – ou poder-se-á chamar ferramenta do jornalismo- em que o cidadão sem curso ou experiência profissional está envolvido no processo da notícia. Este ambiente de colaboração entre o jornalista e o cidadão poderá ter várias formas desde fornecimento de imagens, vídeo, comentários nas redes sociais, hiperligações, testemunhos, entre outros. O cidadão deixa de ser apenas um espectador e passa a ser um participante ativo; o jornalismo participativo caracteriza-se, portanto, pela cooperação entre o cidadão e o jornalista “o ato de um cidadão, ou grupo de cidadãos, desempenhando um papel ativo no processo de recolher, reportar, analisar e disseminar informação” (Bowman and Willis, 2003, pag.9).

Todavia é necessário compreender a diferença entre jornalismo participativo e todos os demais tipos de jornalismo em que o cidadão é tampouco um participante, como o jornalismo público ou de cidadão. Todos eles se baseiam na ideia de que o público passa de espectador passivo a interveniente ativo, de acordo com Correia (2010) o cidadão tem “papel ativo no processo de reunião, análise, disseminação de matérias e informação” (Correia, 2010, pág. 88) porém o jornalismo participativo foca-se sobretudo na interatividade. Isto é, o cidadão não só ajuda mas participa, tem o poder de escolha sobre as notícias e informações, o jornalista deixa de ser um *gatekeeper*, passa a não a ser o único no comando. Este *Gatekeeping* tem três etapas (Bruns, 2005): entrada, onde o jornalista seleciona as matérias consideradas de interesse e merecedoras de cobertura e investigação; produção, na qual as matérias previamente selecionadas são revistas e reelegidas as que os editores acreditam ser as de maior interesse para a sua audiência e que serão apresentadas nos jornais e noticiários; e por fim a resposta, uma diminuta seleção da reposta do público para incluir em posteriores notícias sobre o mesmo assunto; assim dá-se por fechado o processo de notícia. Contudo este termo terá sido ultrapassado dando origem ao *Gatewatching*, introduzido por Bruns em 2005, isto significa quase que uma transparência no processo de escolha e desenvolvimento da notícia, ou seja o jornalista não é o único com acesso a toda a informação e é permitido às suas audiências

acompanhar todo o processo, assim o *Gatewatching* acaba por ser imprescindível para o jornalismo de cidadão. Porém a interatividade é a palavra-chave do jornalismo participativo, ao ponto que no jornalismo do cidadão, o cidadão ajuda na recolha e processo de informação, no jornalismo participativo o cidadão não só participa neste mesmos campos como também na produção de informação, quer por meios de comentários, conteúdos multimédia, hiperligações, etc.

No entanto este conceito não é novo, pois remonta a Inglaterra do século XVIII (18) onde alguns jornais tinham um espaço em branco para que os seus leitores pudessem adicionar comentários, fazer observações entre outros, para posteriormente enviar à sua família e amigos, um desses jornais era *The Evening General Post*. Essa mesma ideia foi também transplantada para as colónias americanas onde o jornal *Publick Occurrences Both Foreign and Domestick*- criado por Benjamin Harris-, começou a ser impresso e tinha apenas 4 páginas sendo que a última era em branco para que os leitores pudessem comentar e passar ao próximo. O jornal foi encerrado apenas quatro dias depois, uma vez que a liberdade de imprensa não existia nestas colónias. Estas contribuições dos próprios cidadãos chegam ao fim em 1908, quando o jornalismo é profissionalizado. Antes os leitores podiam acrescentar as suas próprias ideias e posteriormente partilhar, hoje não é diferente, só a plataforma se alterou, exemplo disso é o atual uso da internet, atualmente a maior fonte de jornalismo do cidadão. Em Portugal o ciberjornalismo passa por 3 fases: Implementação (1995-98), Boom (1998-2000) e Estagnação (2001-2007). A implementação é marcada por um investimento das notícias *online*, é uma fase experimental em que se tenta perceber como tal funciona e se resulta; já na segunda fase aparecem os primeiros jornais na web e há um exacerbado otimismo; por fim, a estagnação é definida como a fase em que, consequência da crise, os investimentos neste tipo notícias são mínimos.

O uso da internet e a rápida ascensão das redes sociais intensificaram uma grande reinvenção do jornalismo, sendo que o jornalismo público está muito em voga, incentivado pelas redes sociais, onde notícias são rapidamente difundidas, comentadas e opinadas. Quantas vezes não acedemos ao Facebook, Instagram, Twitter ou outra rede social e somos bombardeados com imagens, vídeos e informações de acontecimentos que poderia ter alguma importância para os meios de comunicação. O vídeo é deveras

importante, sendo das ferramentas mais utilizadas para exposição de um acontecimento pois “mais do que a cor da palavra, a verdade da imagem recolhida no local empresta à notícia uma veracidade e objetividade maiores do que as simples descrições do acontecimento” (João Canavilhas, 2003, pág.68), ou seja o vídeo tem muito mais impacto do que uma simples descrição, traz-nos uma sensação de presença no momento em que tal aconteceu. É realçado ainda o facto de que muitas vezes acabamos por ver esses mesmos conteúdos multimédia nos próprios meios de comunicação. Estas plataformas criam uma atmosfera em que o utilizador sente que tem poder de interferência na comunicação social, querendo opinar sobre que temas deveriam ser tratados e como o deveriam ser, o cidadão sente que deveria ter um papel. De acordo com Abbott (2017) o jornalismo participativo “encoraja os cidadãos a resolver problemas e (...) habilita-os a ajudar a decidir que informação, ideias e discussões devem ser expostas, (...) ao propiciar aos cidadãos uma interação e evolução das temáticas públicas importantes (Abbott, 2017, pág. 5).

Uma evolução demasiado rápida e descontrolada, como a que temos observado nas redes sociais traz muitos perigos para o jornalismo: sensacionalismos, notícias falsas, difamações e uma veloz propagação das mesmas são alguns exemplos. Todos temos noção desta realidade, no entanto continuamos à procura de respostas nos mesmos sítios que nos enchem de incertezas, S. Bowman e C. Willis (2003) explicam este fenómeno “enfrentamos um esmagador fluxo de informação de um massivo número de fontes media, as pessoas estão cada vez mais a voltar-se para as comunidades *web* à procura de fazer as coisas fazerem sentido” (Bowman e Willis, 2003 pág.41). Isto é, estamos que quase que presos num ciclo vicioso de: bombardeamento de informação, tentar compreender através de outros- nessas tais comunidades- e averiguação, onde acabamos por receber mais um bombardeamento que nos fará procurar por mais respostas. Vivemos numa época de demasiada e rápida informação, onde tudo tem que ser no momento, as redes sociais fomentam isso, vídeos, fotos, comentários que nos leva a sentirmos uma envolvimento no acontecimento. É também uma época em que a interatividade tem muita busca. Tendo isto em conta não é surpresa que até no jornalismo uma certa interatividade seja esperada, todos queremos participar e ter opinião sobre o que deve ser divulgado, baseado na nossa posição. Talvez por conta desta valorização da própria opinião e procura da aceitação da mesma, isto acaba por gerar uma recusa do jornalismo publico no próprio jornalista. Ou seja, pretendemos ajudar o jornalista a ficar mais próximo de nós, enquanto

sociedade, sobre o que nos interessa, mas muitas das vezes acabamos por sobrevalorizar os nossos interesses, não a nível comum, mas pessoal. Recorremos ainda a grupos que partilhem esta posição, acabando por nos focar numa perspetiva e fechando os olhos a outros pontos de vista e isto acaba por facilitar a disseminação de notícias falsas, sensacionalismos e outros.

Percebemos que o medo do jornalista em relação ao jornalismo participativo é justificável, sendo que muitos intelectuais o tendem a caracterizar como “desprofissionalização do jornalismo” (Lewis, 2012, pág. 848); “notícias produzidas por amadores, não por profissionais” (Ornebring, 2013, pág.36); “ (...) conversas ordinárias, às vezes opinadas e bisbilhotices, outras vezes sérias e sinceras. Podem ter lugar nas redes sociais ou nos dispensadores de água nos locais de trabalho” (Min, 2015, pág. 15). Considerado apenas uma opinião e não tendo a importância noticiosa ou mesmo sendo reduzido a mexericos e falta de intervenção profissional, é assim que muitas vezes o jornalismo participativo é definido. No entanto o problema é muito mais profundo que isto, como foi referido a difusão de informação falsa é um grande perigo para o jornalismo. Verifica-se que atualmente há um reduzido número de profissionais, isto leva a que as redações tenham de ser terminadas mais rapidamente, sem uma procura tão detalhada como seria de esperar. Dentro deste problema existe uma outra adversidade, com menos profissionais e menos tempo disponível, torna-se muito mais complicada a verificação das fontes e a análise profunda, tornando as notícias propícias a falácias, informação incompleta ou incorreta. Tudo isto dá azo a uma desconfiança vinda do próprio consumidor.

O jornalismo participativo deveria ter como palavra-chave “colaboração”, o que nem sempre é o caso. Observamos demasiadas vezes quase que como uma hostilidade entre o cidadão e o jornalista, o que acaba por ser perigoso para ambas as partes. Não é novidade que de hoje em dia existe facilidade em controlar os meios de comunicação em prol de certas agendas, principalmente a política e recentemente observamos isso em 2016 nas campanhas de eleição do *ex* do Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Durante a época de eleição vimos inúmeras notícias, principalmente na rede social Twitter, que se vieram a provar como sendo falsas: informações alteradas, frases e vídeos tirados do contexto, rumores, entre outros, quer a favor, quer contra o presidente. À luz deste exemplo conseguimos compreender que o público sinta uma certa desconfiança e medo

sabendo que o que deveria representar a realidade e imparcialidade pode ser alterado, ocultado e acabar por se tornar uma mentira.

Todavia o jornalista sente que o cidadão é cheio de opiniões e crenças o que tampouco pode levar a uma distorção ou omissão da verdade. Pode até acontecer sem que haja maldade, apenas relatando o seu ponto de vista e o que sabe, lembrando que neste caso cabe ao jornalista recolher diferentes informações e perspectivas, selecionando-as e interpretando até chegar à realidade e à construção da notícia. O que acaba por ser complicado pois o tempo é escasso e o número de jornalistas vêm a diminuir. Considerando ainda que o cidadão tem as suas próprias convicções, pode levar o jornalista a crer que os vídeos, fotos, declarações do mesmo sejam retirados de contexto ou editados para favorecer essas mesmas concepções. Esta relevância própria da opinião é pertinente no jornalismo, pode aumentar as suas audiências, defende João Canavilhas (2003) “ Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores.” (João Canavilhas, 2003, pág.65).

Compreendemos assim, o jornalismo participativo como uma colaboração entre o jornalista e o cidadão, muitas vezes atribulada. Esta cooperação muitas vezes demonizada por peritos na área tendo como base a ideia de que o jornalismo tem um motivo para ter sido profissionalizado e que o público poderá induzir em informações falaciosas. Contudo a opinião divide-se, pois, este subtipo de jornalismo é defendido por terceiros como já foi anteriormente evidenciado como a visão de S. Bowman e C. Willis (2003) de como uma proximidade entre o jornalista e o cidadão pode e deve ser criada e usufruída: “ (O) Jornalismo Participativo proporciona à média o potencial de desenvolver uma relação leal e confiável entre as suas audiências.” (S. Bowman e C. Willis, 2003, pag.53) e “ (Uma) conversa honesta e colaboração verdadeira irá implementar respeito e confiança na relação entre ambos os partidos” (S. Bowman e C. Willis, 2003, pág.53). Isto acontece assim que o jornalista tiver disposto a ouvir o cidadão, a perceber a sua agenda e os assuntos considerados importantes, desta forma o público sentir-se-á incentivado a ajudar os meios de comunicação. A média seria igualmente beneficiada com um aumento da audiência e sentimento de confiança por parte da comunidade e a sua participação.

Contudo esta facilidade de disseminação de notícias falsas pode ter levado a extremismos que agravam a relação cidadão-jornalista, estas informações que tanto podem ser produzidas pelo próprio público ou pelos media ameaçam a transparência e imparcialidade procurada. Esta epidemia deu início ao *fact-checking*- verificação de informações para averiguar a sua veracidade e um dos exemplos disso é o projeto jornalístico português *Polígrafo*. Dirigido por Fernando Esteves que se dedica a investigar notícias e informar o público da sua autenticidade. Esta é uma solução para reestabelecer a confiança necessária entre o jornalismo e sua audiência.

Concluimos ainda que o jornalismo participativo não é recente, é usado desde o século XVIII (18) e têm vindo a reinventar-se através da internet, com *sites* de notícias, com as redes sociais de jornalistas onde observamos partilhas e comentários do próprio público, hiperligações, uso de imagens e outros conteúdos gerados pelo próprio cidadão, e outros exemplos como o Jornal de notícias que tem um pequeno espaço em que perguntam a opinião dos leitores sobre um determinado assunto, etc.

O jornalismo do participativo visa quebrar a barreira entre o jornalista e o cidadão servindo-se de uma relação mútua em que ambos sentem uma confiança e compreensão. Num cenário ideal o cidadão comunica-se com o jornalista e fornece ferramentas para ajudar na criação de uma notícia, essas ferramentas podem ser ficheiros multimédia, informações e engajamento na web, sendo que o jornalista deverá verificar a veracidade. Neste envolvimento o jornalista recebe uma maior audiência, conteúdo e aumento da confiança do cidadão. Vivemos numa época marcada pelo desejo da interatividade e valorização da opinião, o público não quer ser apenas um espectador, ele quer participar. Esta colaboração e opinião têm muitas facetas desde a decisão das agendas públicas e que acontecimentos são considerados importantes à partilha do seu ponto de vista nas redes sociais. Infelizmente o jornalismo participativo também tem o seu, já referido, lado negro com tanta informação falsa que circula na web, falta de jornalistas para verificar as mesmas e até mesmo o extremismo de algumas comunidades *online*. Tudo isto é muito prejudicial para a progressiva relação entre o jornalista e o cidadão, estas ideias falsas põem em causa a segurança que o público deposita nos meios de comunicação levando a criação de extremismos e incerteza da imparcialidade do jornalista.

O jornalismo participativo é um campo em ascensão, principalmente com tudo o que temos ao nosso dispor nos dias atuais, é verdade que tem as suas vantagens e

desvantagens, mas a interatividade e sentimento de importância não permitem a extinção este tipo de jornalismo. As barreiras estão cada vez mais ténues e com os recursos atuais é possível que seja uma coisa boa, sendo que novas formas de resolução dos recorrentes problemas estão a ser desenvolvidas e aprimoradas. O jornalista, como profissão, possivelmente nunca deixará de existir, um cidadão precisará de um curso para exercer, mas tem a oportunidade de participar e ajudar a média a compreender o seu ponto de vista e opiniões. O objetivo é a cooperação e confiança não a abolição de uma profissão.

3. Análise de casos

3.1 Don't F*ck With the Cats

Falemos de um caso criminal de 2012, o assassinato de Jun Lin, perpetrado por Luka Rocco Magnotta, que deu azo a uma busca internacional. Este crime aconteceu sobre circunstâncias improváveis, pois o alerta sobre o perigo deste homem já teria sido dado às autoridades através de um grupo de Facebook, no qual os integrantes teriam iniciado uma caça ao homem, em 2010, após um vídeo de um indivíduo a matar gatinhos ter sido postado. Após uma extensa investigação, suspeitavam de Luka Magnotta. Toda esta análise terá como base o documentário lançado na plataforma Netflix no ano de 2019: *Don't F*ck With the Cats*, relatado principalmente por Deanna Thompson (conhecida *online* por Baudi Moovan) e John Green, os principais responsáveis na descoberta do assassino. Este é um caso particularmente interessante e que foi possível resolver por, principalmente, dois motivos: o perfil do assassino e a intervenção da *internet*, o principal problema foi a leviandade das autoridades

Tudo começa em 2010, quando um vídeo do *youtube* intitulado “*I Guy 2 Kittens*” da conta “*Uonlywish*” se tornou viral e revoltou toda a comunidade *web*, neste vídeo podemos ver o sujeito, encapuzado, a colocar 2 filhotes de gato dentro de um saco de plástico e a usar um aspirador para retirar todo o ar, acabando por matá-los. Uma vez que a hiperligação deste vídeo circulava maioritariamente na rede social *Facebook* foi criado um grupo dentro da própria rede com o intuito de apurar quem seria esta pessoa que aparece no vídeo, o grupo tinha o nome de *Find the Kitten Vacuumer... For great Justice*. Desde o começo que foram notados alguns comportamentos que se viriam a tornar problemáticos durante a investigação, é referido por Deanna que a maioria da comunidade parecia impulsiva e reger-se por emoções e não por factos, levando muitas vezes a informação errada e conseqüentemente a um suicídio. Este parece ser um grande problema na *internet*: a informação falsa, que leva a que os jornalistas sintam uma certa aversão a ouvir os internautas. Neste caso levou a um desfecho extremamente trágico: suicídio. Não foi um caso isolado, outro exemplo é o caso de Craig Daffern que também cometeu suicídio após se espalharem rumores que teria matado a sua namorada; a cantora Cardi B. em 2022 tampouco alegou ter tido pensamentos suicidas após rumores terem sido difundidos. Quando a informação está *online* é extremamente difícil controlar e

definir o que é verdade ou mentira, todos escolhemos um lado e tiramos as nossas próprias conclusões, contudo quando conjugamos isto com raiva e impulsividade, o desastre é inevitável. Dentro deste tema, outro sinistro desenlace é o homicídio: Bedelyn Esther Orozco, uma menina de apenas 14 anos teve a sua morte filmada e publicada *online* após alegadamente ter assassinado um taxista de 68 anos- o que se comprovou como sendo falso, mas que estaria presente no momento do assassinato, foi espancada e queimada viva por uma multidão enfurecida. No final do ano passado Walmir Germinari também foi assassinado pelos vizinhos revoltados, Walmir teria sido falsamente acusado de violar uma menina de 12 anos. Todos estes casos são muito perigosos tanto para o público como para a media, sendo que a credibilidade mediática fica posta em causa e leva a uma queda de confiança por parte das audiências.

Dentro deste grupo do Facebook, Deanna conhece John Green com quem se identifica uma vez que ele é racional e não se deixa levar pelas emoções e é iniciada a investigação. Começam por destacar determinados detalhes do quarto como maçanetas- muitos membros não reconheceram e foram descartando alguns locais-, a colcha que é identificada como tendo sido confeccionada na América e vendida através do *ebay*, tinha unicamente um comprador (informação que seria desconsiderada uma vez que poderia ter sido enviada globalmente); foi ainda produzido um diagrama do quarto por John Green; o áudio do vídeo foi também minuciosamente estudado concluindo que as vozes que se ouviam eram russas (uma integrante ucraniana reconheceu a língua), infelizmente era apenas uma gravação de uma comédia russa o que eliminava a esperança de se ter descoberto a localização do sujeito, mas levou a crer que fazia troça da internet. Reforçando esta ideia de gozo um novo vídeo é postado, no mesmo quarto, agora com os cadáveres dos gatos que previamente tinha matado, simultaneamente é publicado uma hiperligação com fotos dos corpos, mas também do assassino- com a cara desfocada- isto destaca um desejo por atenção. Com um novo vídeo, novos dados começam a ser analisados: um maço de cigarros *Marlboro* com o alerta dos malefícios dos cigarros, neste caso um específico da América do Norte; um aspirador amarelo que rapidamente foi confirmado por um fórum *web* como sendo norte-americano, ambas as informações comprovam a localização do sujeito como sendo América do Norte.

Esta análise dos vídeos por parte de cidadãos comuns é intrigante de uma forma assustadora e fascinante. Todos temos a mentalidade de que somos anónimos na internet,

contudo as coisas não são bem assim, com toda a tecnologia e ferramentas ao nosso dispor é fácil descobrir a identidade de alguém. Em apenas meses uma pessoa foi localizada apenas pelos objetos que tinha no quarto, não falamos das autoridades competentes com as suas tecnologias de ponta a analisar o vídeo, falamos de pessoas como nós, com o seu simples computador, a olhar para um vídeo vezes e vezes sem conta, destacando e analisando pormenores até chegar numa localização. Se pensarmos, poderia ser benéfico para os jornalistas, esta capacidade de observação do cidadão, mas a que ponto? Ao tirar partido de tal, o jornalismo corre o risco de ser chamado de preguiçoso e acusado de ultrapassar a linha entre investigação e desrespeito para com a vida pessoal. No entanto penso que com equilíbrio entre ambos beneficiariam, o cidadão com o sentimento de que ajudaria e teria mão sobre o que é considerado importante e o jornalista teria esta ajuda de análise.

Uma reconhecida organização americana contra os maltratos animais junta-se à investigação- *Rescue Ink*-, no documentário ouvimos Joe Panz o líder. Joe cria então um cartaz com a cara desfocada que aparece no vídeo e pede ajuda aos utilizadores da internet na busca por este homem, milhares oferecem-se para ajudar. Um perfil do Facebook com uma foto com parecenças com as do sujeito do vídeo surge- o perfil de Jamsey Cramsalot Inhisam. Neste perfil há um vídeo de um gato a ser queimado vivo dentro de uma jaula e várias outras publicações que aludem a outros maus-tratos a gatos, e quando questionado, o próprio admite ser a pessoa do vídeo. Após a confissão uma nova busca é iniciada, recusando o que já teria sido descoberto, apontando para uma nova localização: Namíbia, África. Investigando esse perfil uma pessoa é identificada e apontada como o assassino do vídeo- Edward Jordan-, e passa a ser alvo de ataques e acusações constantes. Usando a procura reversa Deanna e John descobrem que a imagem usada nessa tal conta do *Facebook* é falsa, é retirada de um *site* pornográfico masculino e ligeiramente alterada digitalmente: um chapéu de Pai Natal foi acrescentado à fotografia original. No entanto não são ouvidos quando tentam alertar a comunidade. Infelizmente Edward Jordan, comete suicídio. Mais uma vez ressalto a ausência da verificação de factos e precipitação que tanto assusta a media.

Dentro deste grupo, é pela segunda vez referido um nome, Luka Magnotta, alegando que poderia ser a pessoa que procuravam, esta informação foi dada por uma *sock puppet account*- nome dado a contas falsas, geralmente usadas para fins inapropriados. Por ter

sido usada uma conta falsa nunca foi possível verificar se quem teria dado a informação fosse o próprio Luka, o que é possível dado a sua natureza narcisista e necessidade de atenção. Tampouco não foi possível perceber como se chegou à conclusão de que a pessoa era Luka Magnotta, se foi outra pessoa. Devido ao anterior incidente de Edward Jones é criado um novo grupo- *Luka Intel*-, com um reduzido número de membros considerados racionais e confiáveis. E assim se iniciou a averiguação de quem era realmente Luka Magnotta. Não foi complicado descobrir, uma vez que havia variados vídeos no *Youtube* com fotos do mesmo, artigos que o referiam como modelo, *blogues* e grupos de fãs dedicados a ele. No entanto foram notadas algumas incoerências como, apesar de haver muitos grupos, comentários, publicações e artigos sobre Luka todos apresentavam a mesma forma e maneirismos de escrita. As fotografias que o retratavam em diversos pontos do mundo, em diferentes atividades foram comprovadas como sendo falsas, Luka apenas as teria editado com a sua cara. Para tal descoberta a procura inversa foi utilizada, novamente ressaltando a importância de perceber que com apenas uma pesquisa no *google* nos é fácil, atualmente, chegar à conclusão de que uma foto é falsa ou até chegarmos a uma pessoa, ou mesmo fingirmos ser uma pessoa.

Um das coisas que foi observada e declarada suspeita sobre Luka eram os rumores que o ligavam a Karla Homolka, uma conhecida assassina Canadense. Para desmentir estas informações o criminoso deu uma entrevista a Joe Warmington, um jornalista canadense, sugerindo que Luka poderia estar ou ter estado no Canadá. Um outro vídeo de uma audição para um programa de televisão de modelos masculinos, parecia confirmar a localização do sujeito. Todavia tanto a entrevista como a audição teriam acontecido anos antes dos vídeos dos gatos terem sido publicados. Com a intenção de confirmar se Luka ainda se encontrava no Canadá Deanna e John decidem voltar a pegar nas fotografias de Luka e examiná-las, desta vez analisando os dados *EXIF*- sistema de armazenamento de dados, que fornece alguns tipos de informação específica sobre uma fotografia, como localização, data, dispositivo com que foi fotografado etc. Após uma extensa observação, uma das fotografias confirmou que Luka estaria no Canadá em 2010, o ano em que os vídeos foram publicados, o ponto de partida. Com esta gigante vantagem inicia-se a procura pela morada exata: John Green estuda uma das imagens que parece ter sido fotografada na varanda da casa de Luka onde no cruzamento se observa uma bomba de gasolina tipicamente canadense- *Petro-Canada*-, recordando que Luka se havia queixado de *paparazzi* à entrada do seu condomínio *EtoBicoke*, John é capaz de usar o Google Maps

para descobrir a morada: *304, Mill Street*, onde se verifica que alguém chamado Luka Magnotta viveu, mas alegadamente se teria mudado para a Rússia.

Após meses sem novas informações a esperança começa a desvanecer, até o momento em que um novo vídeo é postado: *Bath time*, onde um gato é afogado; mais tarde no mesmo dia um segundo vídeo: um sujeito com um chapéu de Pai Natal que se assemelha à foto de perfil da conta Jamsey permite que uma cobra pitão ataque e conseqüentemente mate um segundo gato. A conta que teria publicado o vídeo usava a fotografia e nome- Lesley Downey- uma vítima dos assassinos de Moors, Ian Brady e Myra Hindley, a dupla gravava os seus homicídios. Na gravação da morte de Lesley Downey era usada a mesma música do vídeo *Bath Time- Little Drummer Boy*, e o método também era mesmo, afogamento numa banheira.

Após estes vídeos o caso recebe pela primeira vez atenção da mídia, o jornal britânico *The Sun* faz uma reportagem e pede ajuda às suas audiências para identificar o sujeito do vídeo, um dos seus jornalistas- Alex West- recebe a informação de que este sujeito é Luka Magnotta que estaria alojado em Londres na pousada The Fusilier Inn. Aqui vemos pela primeira vez uma colaboração entre o jornalista e o cidadão, a pista dada a Alex seria um ponto crucial de reviravolta no caso. Alex consegue uma entrevista na qual Luka declara de que teria fugido na decorrência de ameaças, consequência das acusações de ser o sujeito nos vídeos, o qual Luka nega. Mais tarde o jornalista recebe uma alarmante carta de um pseudónimo- John Killbride (outra vítima dos assassinos de Moors) - onde é comunicado que haverá um próximo vídeo, mas agora não será morto um gato, mas sim um humano. O que não demora muito a acontecer.

Na madrugada do dia 25 de Maio, John Green acorda com uma mensagem no *Facebook* a dizer que um novo vídeo havia sido publicado: *I Lunatic I Toothpick*, a ameaça confirma-se, não é um gato no vídeo, mas um humano. O choque inicial abalou muito toda a comunidade, perguntando-se como que era possível que o caso tivesse escalado tanto, sendo que já teriam alertado a polícia. Mesmo perturbados perceberam que as coisas não podiam parar por ali e era necessário deter Luka, continuava a ser um perigo que podia vir a fazer mais vítimas, mas não sabiam ainda quem era a vítima, onde tinha sido morto, onde estava agora o assassino ou para onde fugiria. Começam a analisar o vídeo e apercebem-se que estão presentes os maneirismos tão distintos de Luka como

carícias na vítima antes de cometer o assassinato, um animal, desta vez um cão que neste momento parece sugerir ser uma homenagem ao seu passado, e a música True Faith da banda New Order, usada numa das suas montagens de fotografias. Com todas estas provas reunidas um *e-mail* é enviado para um detetive, anteriormente contactado, que estaria ciente de todo o passado destes grupos de Facebook, no departamento de Toronto para avisar sobre o sucedido. Deanna e John esperavam ansiosamente pela notícia de que um cadáver teria sido encontrado e que Luka fosse finalmente detido, lamentavelmente isso não aconteceu, não houve resposta ao *e-mail* nem desfecho do caso. Podemos até ter um olhar reprovador sobre esta parte, lamentar o comportamento das autoridades, que nada tinham feito até então, mesmo com todos os avisos e a pouca cobertura mediática existente. No entanto não nos podemos esquecer que há muitos crimes, alguns com muita urgência e, a polícia não tinha até então motivos para investigar Luka, sem ser acusações na *internet*. Não era algo que estivesse sob controlo das autoridades, mesmo com toda esta investigação feita *online*, há motivos para a polícia não acreditar, porque, como já foi referido, rumores é o que mais existe, não podemos também esquecer o histórico deste grupo com o incidente de Edward Jordan. Apesar de a polícia ter o dever de sim, ter investigado e não ignorado o que estava a acontecer, temos também que reconhecer que as informações que vemos na internet tem uma grande probabilidade de ser falaciosas e podem induzir em erro e levar a desfechos catastróficos, como já foi referido. Com o tempo a passar, a frustração a crescer e medo de haver uma próxima vítima, Deanna e John decidem prosseguir eles mesmos a busca, dentro do possível. Assim surge uma nova pista, uma nova fotografia numa recente montagem de fotografias de Luka, uma fotografia com o suspeito em frente a umas escadas. Para descobrir que local era este foram analisadas as árvores que ainda brotavam- o que comprova ser Primavera; as luzes de trânsito que apontavam para que Luka pudesse estar em Montreal. Usando o Google Maps e o Street View conseguiram localizar com precisão as escadas da fotografia: Universidade Mcgill, Luka poderia estar em Montreal, Canadá.

A 29 de Maio um torso humano foi encontrado dentro de uma mala em 52700, Decarie Street, Montreal, por um cidadão local que deu o alerta à polícia. Na investigação foram encontrados vários outros sacos do lixo com uma garrafa de vinho-mais tarde verificou-se a presença de resíduos de sedativos-, *poster* do filme *Casablanca*, camisola amarela, faca, serra, chave de fendas pintada de forma a parecer um picador de gelo, cobertores ensanguentados, um cachorro morto, outras partes do corpo- todavia as mãos, pés e

cabeça não foram encontrados, e um recibo de farmácia e carta de condução com o nome e morada de Luka Rocco Magnotta. Mais tarde o pé esquerdo seria enviado ao partido conservador, juntamente com um poema, e a mão esquerda ao partido liberal, chamado uma grande atenção por parte da mídia. Toda esta atenção nacional veio a aumentar insatisfação já tão forte nos grupos *online*, todo este desânimo é fundamentado pelo medo e sentimento de desvalorização da polícia em relação aos alertas. Deanna afirma que contactou as autoridades de Montreal para fornecer toda a prévia investigação, mas nunca lhe responderam. Penso que a frustração que se sente é justa sendo que há anos que a polícia era contactada e avisada de que Luka era perigoso e que algum dia viria a matar alguém. Foi enviada toda a investigação feita dentro dos grupos e mesmo assim nunca houve nenhuma resposta. Esta desconsideração pelas provas apesar de comum, é um problema presente no jornalismo participativo, este é um caso, ainda que improvável e de proporções descomunais, mostra o quão grave isto poderia ser. O jornalista tem a responsabilidade de dar a conhecer algo importante às suas audiências, ainda que este caso tenha tido alguma cobertura mediática, comprova-se que não foi a suficiente para mover as autoridades ou chamar a atenção necessária. Talvez se mais reportagens, notícias tivessem sido publicadas, o desfecho poderia ter sido outro.

Começa uma investigação policial e apesar da sua decorrência a internet decide não ficar parada e traçar os passos de Luka precedentes ao crime. Começando por procurar na plataforma de anúncios *Craigslist*- usada pelo culpado anteriormente, como acompanhante masculino-, foi encontrado um anúncio que procurava um cachorro, o nome do utilizador era Vladimir Romanov, nome anteriormente utilizado por Luka, no anúncio foram também observadas frases de uso comum por parte de Luka. Deparam-se com um segundo anúncio do sujeito, afirmando procurar um parceiro sexual do sexo masculino, afirmava ainda que iria gravar, foi reconhecido por usar palavras e frases típicas, e forma de escrever.

Um dos primeiros passos dos investigadores foi verificar as câmaras de segurança do prédio, da entrada e do acesso ao lixo. Ao analisar percebem que uma pessoa com uma camisola amarela- a que teria sido encontrada no lixo- fez múltiplas viagens, com diversos sacos do lixo durante a madrugada, nas câmaras da entrada foi possível ver o sujeito e a vítima a entrar juntos, passadas umas horas o sujeito sai e volta a entrar com uma garrafa de vinho, mas a vítima não foi mais vista. O segundo passo foi, a partir do código de

barras do envio dos membros decepados, reconhecer o posto de correio de onde teria sido expedido, o posto de correio ficava dentro de uma farmácia- da qual o recibo teria sido encontrado no lixo-. Passam então a examinar as câmaras de segurança do local, e é possível reconhecer o mesmo sujeito das câmaras de vigilância do prédio. Usando a documentação da emissão das encomendas, deparam-se com o nome Luka Rocco Magnotta, apercebendo-se de que seria ele o perpetrador do crime e não a vítima como teriam especulado após observação dos sacos do lixo encontrados com o torso humano. Com a crescente notoriedade do vídeo *1 Lunatic 1 Toothpick*, o vídeo chega à polícia, que rapidamente o relacionam com o crime, concluindo que o vídeo é a gravação do homicídio. Confirma-se que a vítima é Jun Lin, estudante chinês. Com um mandato as autoridades podem examinar o quarto onde presumidamente ocorreu o assassinato, o quarto 208. É confirmado pela presença de sangue no quarto que o crime teria sido cometido na cama- como se vê no vídeo- e que o cadáver teria posteriormente sido arrastado para a banheira, e desmembrado. Com a comprovação da perigosidade de Luka um mandado de busca é emitido. A polícia de Montreal reconhece agora os esforços do grupo de Facebook e pede a sua ajuda para encontrar o paradeiro do criminoso. Agora o rumo viria a mudar totalmente de direção, com os esforços unidos, verificamos que há uma maior rapidez de ação e de compreensão da mentalidade do procurado. Isto acontece, pois, estes utilizadores conhecem muito bem Luka e a polícia tem conhecimentos e ferramentas muito úteis. Esta forma de cooperação é um bom exemplo de como as coisas poderiam ter sido muito mais fáceis, se isto tivesse acontecido anteriormente. É preciso reconhecer o cidadão como uma peça útil que ajudará no fornecimento e processamento de informações podendo ajudar o jornalista a perceber comportamentos- como é o caso-, assuntos do interesse público e como os deverá apresentar.

Recordando o *poster* do filme Casablanca presente no vídeo e que teria sido encontrado no lixo, John Green menciona que Luka pode ter fugido para França, sendo que no filme o personagem terá fugido para Paris, personagem esta com quem Luka se identifica. A presença do suspeito em Paris é confirmada por meio das câmaras de segurança de um aeroporto parisiense, isto leva a que a Interpol seja contactada e que a sua busca se torne internacional. O sujeito nunca chegou a ir ao hotel que teria reservado o que faz a polícia francesa questionar se ele ainda se encontra em Paris, no entanto as autoridades canadianas confirmam a sua localização, pois um dos seus cartões de crédito teria sido utilizado em Paris. O caso começa a ter muita cobertura mediática, divulgando a cara do

criminoso como um alerta, esta exposição acaba por ser prejudicial sendo que traz demasiada informação que se torna impossível verificar. Nestes casos a ajuda ao cidadão pode trazer dados essenciais ou pode tornar-se negativo, pois uma abundância de informação, a qual é impossível confirmar como verdadeira ou falsa é danoso e acaba confundindo as autoridades e pode até criar um desnecessário pânico nos cidadãos que conduz a mais caos.

No entanto, reconhecendo a cara do criminoso da média, um cidadão francês declara que se encontrou com ele, conheceu-o através da internet e referiu ainda que Luka tinha comprado um telemóvel francês. Sabia-o, pois, tinham trocado números e o número do mesmo era francês. Através do número do dispositivo foi possível localizar onde teria sido comprado e todos os hotéis e pensões da área foram investigados, quando descobriram onde estaria hospedado, dirigiram-se ao seu quarto, porém Luka não estava lá. Apenas foi encontrada a t-shirt que usava nas imagens do aeroporto e o um cartão de estudante com o seu nome. Tinha dado entrada com o nome de Kirk Trammell, tinha voltado a desaparecer, suspeita-se que este nome seja a uma referência ao filme *Basic Instinct*. Filme de suspense que trata de uma investigação policial, a personagem feminina principal chama-se Catherine Trammell, personagem em que o culpado se pode ter inspirado sendo que as câmaras de vigilância do seu interrogatório demonstram comportamentos típicos da personagem.

Dia 4 de Junho de 2012, Luka foi finalmente detido em Berlim, num cibercafé. O dono reconheceu o criminoso de uma reportagem e pediu ajuda a um carro de polícia que passava na rua. Luka teria ido ao café para usar a internet, onde pesquisou por si mesmo através do *site* da Interpol. A sua captura foi partilhada nos grupos de *Facebook*, através de uma hiperligação, onde era possível o acesso à camera de vigilância desse cibercafé, a comunidade inteira celebra a sua captura e acompanha o voo até aterrar. A 6 de Junho Luka chega a Montreal onde é levado para interrogatório e conseqüentemente preso, é diagnosticado com esquizofrenia e distúrbios de personalidade Histriónicas e *Borderline*, recebe prisão perpétua.

Este é um caso inédito que nos leva a pensar nas capacidades que nós, como cidadão comum temos, também põe em causa a ideia de que na internet estamos anónimos e protegidos. Observamos que com a inércia das autoridades competentes frustrou uma

grande comunidade que comovida com a morte de gatos se moveu para descobrir o culpado, ainda que tenham sido cometidos erros consideráveis é notável a perícia e dedicação. Este caso é um excelente exemplo de jornalismo do cidadão, um caso em que o cidadão é competente, evita enganos e se move racionalmente levando a um surpreendente e formidável resultado. É interessante pensar como tudo começou na internet, com os vídeos de gatinhos, e tudo terminou na internet, com Luka a pesquisar o seu próprio nome, no entanto o desenvolvimento do próprio caso tampouco se deu quase todo na *internet*.

O mais discutível neste caso é a reação *online*, nomeadamente toda a atenção que teve toda esta situação. Luka era um indivíduo narcisista com um enorme desejo de atenção e foi exatamente o que teve na média, na *web*, e internacionalmente. É fácil questionarmos se toda a relevância que lhe foi dada, com a busca, após o primeiro vídeo, alimentou o desejo por atenção e acabou por tirar uma vida? É diversas vezes durante o documentário referido este medo e questionamento se o que levou à morte de Jun Lin foi o comportamento da internet. Quase como que um incentivo ao que o assassino almejava, reconhecimento. No entanto perguntamo-nos também se, se este caso tivesse uma cobertura mediática necessária que levasse as autoridades a agir será que um homicídio pudesse ter sido evitado? Este é um grande paradoxo não só do jornalismo de cidadão, mas de todo o jornalismo: o papel do jornalista é dar a conhecer a verdade, mas isso nem sempre é benéfico, como vimos, sempre que houve uma cobertura mediática deste caso levou a uma avalanche de informação que confundiu as autoridades e pode ter alimentado o desejo de matar de Luka. Outro erro foi o suicídio de Edward Jordan, que como já foi referido é uma realidade recorrente que faz com o jornalismo participativo seja rejeitado, a informação falsa pode ser muito prejudicial ao jornalismo e nem deveria existir dentro deste ramo.

Observamos que a emoção foi o único e grande problema deste caso, toda a busca começou com comoção, o suicídio consequente, e a demasiada informação e atenção. Esta emoção contrasta muito com a racionalidade e a imparcialidade esperada do jornalista, de acordo com Chouliaraki (2006) “pesquisa que enfatiza emoções no jornalismo foca-se principalmente em como a media se envolve com a audiência através de significados de identificação e chama por uma empatia por dó” (Chouliaraki, 2006), isto é um olhar reprobatório sobre esta busca por pena dentro do jornalismo. Obviamente

que uma procura por empatia é necessário no meio para levar o público a identificar-se e interessar-se, porém quando o sentimento é o único objetivo é problemático, pois há o risco de a emoção ser levada ao extremo e provocar a reações adversas e danosas.

Percebemos também que este não foi um crime repentino, foi algo que foi crescendo dentro de Luka, começou por animais e como é previsível acabou por passar para humanos, infelizmente quando previamente foi dado o alerta à polícia de que este seria um cenário pendente, nada foi feito. O homicídio foi planeado com muita precisão: o culpado anos antes teria contactado um detetive privado afirmando que sim, era ele nos vídeos dos gatos, mas que estava a ser ameaçado por “Manny”, que supostamente seria um dos seus clientes que vendia este tipo de conteúdo na *deep web*, Luka declarou também que a morte de Jun Lin seria um destes vídeos para venda. Acompanhada destas acusações, encontravam-se tampouco provas fotográficas e documentos policiais e médicos dos abusos de Manny, porém foi provado que todas estas acusações eram falsas e que Manny não era real. Presume-se que Manny é tampouco inspirado no filme *Basic Instinct*, já que a personagem Catherine Tramell, inspiração do culpado, tinha um ex-parceiro com o mesmo nome.

Don't F*ck with the cats retrata um caso que é uma perfeita demonstração do que é o jornalismo participativo, quer as suas virtudes como as suas adversidades. Percebemos que o envolvimento e colaboração do cidadão teve um imenso peso na busca e captura do criminoso, descobrindo a sua localização, identificação do sujeito, tudo isto apenas analisando fotografias, vídeos, blogues, fóruns, entre outros, no conforto de sua casa. Mesmo tendo as suas dificuldades é de destacar a perícia com que a investigação foi conduzida, Nip (2006) defende que “o jornalismo público tem três principais objetivos: conectar-se com a comunidade; incentivar o envolvimento do sujeito como cidadão e ajudar a deliberação pública na procura de soluções” (Nip, 2006, pág.6), e foi exatamente isso o que vimos. O público uniu-se numa comunidade com um único objetivo e usou todas as ferramentas disponíveis para chegar a uma solução. A colaboração e participação da comunidade são as palavras-chave do jornalismo de cidadão e podemos perceber que ambas estão presentes nesta situação. Houve momentos em que esse envolvimento atrapalhou a pesquisa e pode até ter causado uma certa apreensão à média, mas quando existiu colaboração foi feita naturalmente, havia um desejo de participação do próprio público, que foi usada vantajosamente. Acabando por trazer uma sensação de bem-estar ao cidadão, reforçando a ideia de que finalmente estava e merecia ser ouvido e que tinham

acabado os tempos de frustração em que sentia que as autoridades rejeitavam a sua ajuda e alertas. Por outro lado, trouxe tampouco ao jornalista o propósito de dar à população algo de interesse da mesma e conseqüentemente aumento da confiança, audiência e empatia. É uma relação de mutualismo em que ambos, o cidadão e o jornalista assentam na confiança e estão abertos a ouvir-se mutuamente, é extremamente conveniente para o cidadão pois sente que tem poder de escolha sobre a agenda mediática e que é ouvido; e para o jornalista é lucrativo e inicia um ponto de partida para um futuro em que a confiança no seu público é maior. Ainda que tenha existido alguns momentos prejudiciais que danificam não só a figura do cidadão perante o jornalista (o suicídio de Edward Jordan e falsa informação) pode considerar-se este um momento em que o jornalismo público desenvolveu a sua função com resultados extraordinários.

3.2 Harvey Weinstein

O segundo caso que vamos analisar é o recente caso de Harvey Weinstein, a sua queda. A história de como um dos maiores magnatas de Hollywood se tornou um dos homens mais odiados do mundo após denúncias de assédio sexual e violações perpetuadas durante anos, contando com mais de 100 vítimas, no entanto apenas tiveram grande cobertura mediática em 2017 no jornal *New York Times*. A partir deste artigo muitas outras mulheres começam a acusar Weinstein do mesmo tipo de abusos motivando o movimento *online #MeToo*. Um caso que desencadeou um dos grandes escândalos de Hollywood e motivou movimentos feministas, agitou e comoveu todo o mundo. Estas acusações têm vindo a aumentar desde que foi preso em 2020, sendo que o último julgamento se deu em Fevereiro deste ano.

Antes de tudo é importante perceber quem é Harvey Weinstein, nascido a 9 de Março de 1952 em Nova York, foi fundador da empresa Miramax em 1979 juntamente com o seu irmão Bob Weinstein. Previamente os irmãos Weinstein promoviam eventos de bandas de *rock*, mas começaram a interessar-se por cinema e assim nasceu a empresa, inicialmente conhecida pelos seus filmes provocadores e controversos, com iniciativa de trazer novos artistas ao mercado. Desta forma *Miramax* trabalha com grandes nomes como Walt Disney Company, Quentin Tarantino, Johnny Deep entre outros. *Miramax* e Weinstein acabam por ganhar vários prémios que posteriormente são questionados devido a uma compra de votos, aponta-se para que Weinstein tenha enviado presentes a grandes nomes da indústria para que votassem nele levando mais gente a votar. Estas acusações levaram a dúvidas sobre a autenticidade dos prémios dos Óscares. Eventualmente, Weinstein deixa a Miramax para criar a sua própria produtora em 2005, *The Weinstein Company*, no entanto a companhia declara falência em 2018 após o escândalo de abusos sexuais. Apesar de ter produzido grandes filmes, Weinstein foi despedido em 2017, quando tudo veio a público e não recebeu créditos das seguintes produções.

Weinstein é um homem que está habituado e que gosta de estar no poder, observamos desta forma que os abusos são uma forma de tal, é quase como que uma demonstração de que ele está acima e controla estas mulheres, as suas vítimas. Uma outra prova disto é o acordo de confidencialidade de 40 anos que algumas destas atrizes foram obrigadas a assinar, o acordo proibia-as de falar sobre os abusos, isto aconteceu após as vítimas

tentarem denunciar o magnata. Isto era quase como dizer que ele podia fazer o que ele quisesse sem que alguma vez houvesse consequências, a demonstração desse poder era essencial para desencorajar as vítimas a divulgar o que lhes acontecera, dando-lhes uma ideia de menoridade e a que desistissem de o denunciar. Tudo isto levou a que as acusadoras se sentissem culpadas e frustradas, pondo-as no lugar que Weinstein desejava. Weinstein abusou de dezenas de mulheres durante anos utilizando esse seu poder, convencendo-as de que elas seriam incapazes de o fazer sofrer consequências e que a sua carreira poderia terminar se elas rejeitassem as suas investidas ou posteriormente o acusassem. Sendo que muitas eram atrizes iniciantes, tentando começar uma carreira e este tipo de ameaças intimidava muito dando a Weinstein o que ele desejava: abusar delas e sair impune.

Este uso do poder e infligência de medo nas vítimas é muito comum neste tipo de agressões. O terror causado nas vítimas para que o perpetrador saia sempre impune e é usado para retirar toda a dignidade e conseqüentemente rebaixar estas mulheres. O medo resulta, pois existe sempre um pânico de que não apenas a sua carreira será afetada, mas toda a sua vida. Isto é justificável uma vez que diversas mulheres tiveram a sua vida alterada após denúncias, neste caso temos o exemplo de Rosanna Arquette, a primeira mulher a denunciar Weinstein. Após rejeitar as investidas do produtor Rosanna afirma que a sua carreira com atriz estagnou e a primeira vez que o notou foi ao trabalhar no filme *Pulp Fiction* com a produtora *Miramax*, alegando que lhe foi pago menos do que o devido. Infelizmente este não é um caso isolado. Crimes sexuais deixam sempre muitas sequelas emocionais ou físicas nas vítimas, porém muitas destas vítimas afirmam que o mais doloroso é o que se procede após o ataque, principalmente o medo de serem desacreditadas. Não é invulgar haver todo um questionamento por parte de terceiros sobre “aconteceu mesmo?”, muitas vezes do próprio tribunal ou das autoridades, para combater este tipo de situações foi criado um movimento *online*: *#Metoo*.

Este movimento nasceu em 2006, criado por Tarana Burke, uma sobrevivente e ativista dos direitos das vítimas de abuso sexual e foi usado pela primeira vez na rede social *Myspace*. Tem como objetivo dar uma voz a todas mulheres que sofreram com este tipo de violência ajudando-as a perceber que elas não são as únicas, que não estão sozinhas. O movimento visa tampouco expor a grave cultura de violação que prospera atualmente com a intenção de demonstrar que infelizmente não é uma coisa rara, mas que acontece a

milhares de mulheres todos os dias e que não deve ser tratada com leviandade. No entanto o movimento ganhou a magnitude que tem hoje em 2017 quando a atriz Alyssa Milano usa o *hashtag* nas redes sociais, de acordo com Alyssa a ideia era “se todas as mulheres que foram sexualmente assediadas ou atacadas escrevessem ‘Me too’ no *status*, nós podíamos dar as pessoas a ideia da magnitude do problema”, isto após o caso de Harvey Weinstein ter sido revelado ao público.

O medo de expor o criminoso é muito intenso em todo este acontecimento, assim como a desacreditação da vítima, Ambra Gutierrez é uma outra atriz que tentou expor o produtor, mas acabou por ser atacada pelos media e assinar um acordo de confidencialidade. Após ser assediada sexualmente por Weinstein, Ambra denuncia o caso à polícia que por sua vez lhe dá uma escuta para recolha de provas. A atriz consegue gravar um segundo ataque e levar à polícia, contudo assim que os media se apercebem do sucedido ela começa a ser acusada de mentir, almejando subir mais rapidamente na carreira. Tudo isto leva à tal frustração da vítima e recusa de contar a sua história enquanto dá lugar ao desejo de domínio do agressor, é nestes momentos em que movimentos como o *Metoo* são importantes. Este tipo de movimento dá a conhecer a realidade da violência sexual fazendo as pessoas compreender a importância e não questionar a vítima, mas sim o agressor, uma vez que tirar o sentimento de poder e de que nunca sofrerá consequências pelos seus atos é o necessário. Se Weinstein tivesse medo da repercussão das suas ações e tivesse sido ele a ser atacado pelos media, todo o controlo lhe teria sido tirado, podendo levar a que mais vítimas se chegassem à frente.

Note-se que quem foi acusada de mentir foi uma atriz com algum reconhecimento e com recursos e acesso a bons advogados, e mesmo assim sofreu os ataques que sofreu. Uma mulher sem as mesmas possibilidades e reconhecimento de Ambra poderia sofrer muito mais, isto porque ao vermos uma atriz que conhecemos, sentimos uma certa empatia, quase como que uma confiança e sem motivos para mentir. Mas se for uma mulher que não conhecemos de lado nenhum não existe essa empatia, sendo mais fácil acreditarmos que ela é que inventou um ataque e não tendo a possibilidade de pagar bons advogados contra alguém tão poderoso como Weinstein pode ser realmente trágico para a vítima.

Quando alguém tao influente e respeitável como o agressor em questão é acusado há sempre uma grande dúvida quanto aos ataques, muitas das dúvidas são “Porque é que ele o faria?”; “Não o imagino a fazer isso”; “Será que aconteceu mesmo?”; estas incertezas

acontecem por vários motivos. O primeiro motivo é essa empatia, o sentimento de que conhecemos esta pessoa, pois vemo-la nos média há tanto tempo e acabamos por gerar uma imagem dela e esperamos que se comporte exatamente como essa ideia que nós criamos. Outro motivo é interrogar-nos se a vítima será realmente uma vítima, alegando que ela pode estar à procura de ganhar reconhecimento trazendo o caso aos média, ou que espera ganhar dinheiro com uma indemnização, em ambos os casos muita gente culpa as falsas acusações de abusos sexuais. Apesar de ser uma realidade é não tão comum como se pensa, de acordo com vários estudos a quantidade de falsas denúncias é estimada acima da média, infelizmente este tipo de queixas falsas traz muitas complicações para as reais vítimas, mas não só, causa também problemas às autoridades, fazendo-as perder tempo com investigações e tampouco para os media, muitas vezes tendo a sua credibilidade questionada. Estas falsas incriminações retiram qualquer vantagem dos sofrendores e dão todo o benefício aos criminosos, estes problemas de credibilidade não se dão apenas às vítimas, mas os meios de comunicação e polícia ficam também afetados. O movimento *MeToo* luta tampouco alerta para este tipo de informação lembrando que estas acusações não são tão habituais como se julga, mas danificam a causa do movimento, e toda a gente envolvida.

Após a queixa de duas atrizes Weinstein começa a sentir-se ameaçado e como tal contrata um detetive privado, Seth Freedman para investigar quem o acusou e pudesse vir a acusar, assim Seth acabou por investigar 91 mulheres. O método de pesquisa utilizada pelo espião era fingir ser um jornalista e entrava em contacto com estas mulheres fazendo perguntas sobre a conduta de Harvey e posteriormente passar estas informações ao produtor, tudo isto foi uma tentativa de evitar que a *New York Times* publicasse a inolvidável reportagem. Esta tática é desprezível não só para as vítimas como tampouco para os meios de comunicação. As acusadoras que teriam anteriormente confiado em Freedman com esperança de que as pudesse ajudar a expor a situação e acabar com os abusos sentem-se traídas e abandonadas, e o sentimento de que nada podem fazer parece agora real. Quanto ao jornalista, isto poderia levar a que a confiança que estas mulheres lhe teriam dado tivesse sido quebrada, levando-as a questionar e recusar a colaborar.

Felizmente a 5 de Outubro de 2017, a notável e detalhada reportagem sobre os abusos do prestigiado produtor é publicada no jornal americano *New York Times*. O artigo foi escrito por Jodi Kantor e Megan Twohey e conta com uma cronologia temporal de diversos

relatos de diferentes mulheres acusando o magnata do mesmo tipo de crimes cometidos. Todas as descrições apresentam o mesmo procedimento por parte de Harvey, convidar as vítimas ao seu quarto e esperá-las quase nu ou totalmente despido e pedir-lhes ou oferecer-lhes massagens, sendo muito insistente e assim que negassem ou aceitassem seguia-se o ataque. Estas entrevistas foram dadas por todo o tipo de mulheres que pertenciam ao círculo de Harvey, desde atrizes a assistentes e até executivas, todas elas anunciaram que o culpado tinha uma má conduta e assediava quase todas as mulheres com quem trabalhava.

Assim que o artigo saiu o próprio acusado comunica um pedido de desculpas público às vítimas e afirma ainda saber que “causou muita dor”, mas nega as acusações, assim é conseqüentemente demitido da sua empresa. Muitas outras atrizes começam a perder o medo e algumas anunciam nas suas redes sociais que também sofreram este tipo de abusos por parte de Weinstein, nesta altura o New York Times e outros jornais postam mais relatos destes acontecimentos. Após esta abundância de acusações a polícia começa finalmente uma investigação nesse mesmo mês, com isto um grupo de funcionários da *Weinstein Company* escrevem uma carta aberta ao seu diretor a pedir o fim do acordo de confidencialidade que as vítimas foram assinadas a assinar. A 25 de Maio de 2018 Weinstein é considerado culpado por violação e vários outros crimes sexuais, no entanto é libertado após pagar uma fiança de 1,000,000 dólares, porém volta a tribunal com novas acusações sendo que o julgamento se dá a 6 de Janeiro de 2020, 18 dias depois é considerado culpado a 23 anos de prisão, todavia continuam a aparecer diversas queixas até aos dias de hoje. Weinstein foi considerado culpado por júris de Nova Iorque e Los Angeles. Weinstein sempre defendeu ser inocente e chegou a culpar os protestos do movimento *MeToo* pelo seu condenamento alegando que houve “pressão” por parte do mesmo para que fosse punido. A 23 de Fevereiro deste ano foi sentenciado a mais 13 anos de prisão após novas alegações. Para além de tudo isto a sua empresa, *Weinstein Company*, declarou banca rota em Março de 2018, e Harvey foi expulso pela organização dos Óscares e todas as ligações com a *British Academy Film Awards* são cortadas e foi-lhe retirada a medalha *Du-Bois* oferecida pela universidade Harvard pela sua contribuição para a cultura afro-americana.

Todo um acontecimento marcado pela ascensão e queda de uma pessoa de grande poder, contudo é de notar a dedicação que houve no jornalista. O dever do jornalista é dar a

conhecer ao cidadão a verdade e foi exatamente o que observamos neste caso, a exposição destes casos inverteu o papel do agressor e da vítima, pondo a vítima no poder, notamos tampouco um excelente uso das redes sociais que foram utilizadas nessa mesma inversão de papéis e ajudaram muitas outras a ganhar a coragem necessária para o atual desfecho do caso. A colaboração do cidadão e jornalista existente aqui é admirável, porém houve um outro momento em que os meios de comunicação agiram mal e falaciosamente, no caso de Ambra.

O notável esforço do jornal New York Times para expor o agressor foi de extrema importância, não só para as vítimas e para finalmente dar a conhecer a realidade e o que acontecia por de trás das câmaras, e conseqüentemente condenar o culpado, mas também porque deu a coragem a outras mulheres que sofreram nas mãos do produtor ou outros para os denunciarem. Esta colaboração foi o ponto de partida e base da queda e punição de Weinstein, por um outro lado foi o momento em que estas mulheres se aperceberam que havia alguém disposta a ouvi-las e ajudá-las, foi assim o final da sua frustração e anos de sofrimento emocional. O jornalismo participativo é assim que deve de ser, uma cooperação em que o cidadão procura dar o seu relato e a realidade ao jornalista que, por sua vez verifica a veracidade dos factos e dá a conhecer ao público uma verdade que é considerada importante, pelo mesmo. Ao contrário do que vimos noutros casos aqui não existiu uma recusa do cidadão, o próprio jornalista foi até ao cidadão e pediu informação. Esta deposição de confiança conseguiu fazer com que estas mulheres se abrissem e contassem a sua história e isto resultou em mais vítimas a procurar o jornalista para lhe contarem os seus testemunhos. Isto é a tal falada relação mútua jornalista-cidadão, em que uma segurança entre ambos é criada levando ao mérito do jornalista, aumento das audiências, para o cidadão dá a perceber que o jornalista está disposto a ouvi-lo e a percebê-lo.

Também como já fomos percebendo a empatia e agendas do público como sendo pontos de grande importância dentro do jornalismo, e esta história tinha ambos. Weinstein era um homem com muito renome, portanto qualquer escândalo que o envolvesse é de grande interesse para a audiência. Apesar de tudo estas pessoas vinham a acompanhar o percurso do mesmo, a ver filmes do produtor e sendo que muitas destas atrizes são também famosas com muitos fãs que as acompanham ao longo de anos, e assim tudo isto se torna num caso de muito interesse público, principalmente com crimes tão hediondos. Assim a empatia

foi tampouco importante para chamar atenção para toda esta história, não só a nível mediático, mas também *online*. Toda a gente ficou chocada e isto resultou em manifestações, expulsões de Weinstein, na bancarrota da companhia, ao mesmo tempo despoletou muitas reações na internet, sobretudo em redes sociais como o *Twitter* com o movimento *Metoo* e toda esta comoção levou à grande pressão pública sobre Weinstein e a justiça.

Porém não podemos deixar de apontar o dedo aos meios de comunicação pela forma como trataram Ambra Gutierrez. A atriz foi posta em causa e desprezada pelos tabloides, ela não foi tratada como uma vítima, mas como uma agressora que punha em causa a carreira e vida de Weinstein, foi acusada de o ter acusado com o simples propósito de subir na carreira e ganhar reconhecimento. Após uma situação de assédio sexual como a que Ambra passou a vulnerabilidade emocional é muita e estas acusações públicas vieram a piorar muito esse seu estado. Estas alegações por parte da média deram a Weinstein o que ele queria, demonstrar às vítimas que elas eram incapazes de se opor contra ele e que ninguém ficaria do lado delas, mas sim do dele. De acordo com Carpenter (2008) “Os media tradicionais mais frequentemente citam fontes oficiais, que são pessoas de poder. A dominância de fontes masculinas pode indicar que as mulheres não são consideradas pessoas de alto *status*.” (Carpenter, 2008, pág 535), isto significa que existe uma grande probabilidade de os media se acreditarem mais facilmente num homem do que numa mulher. Neste caso notamos que Harvey tem um enorme reconhecimento, enquanto Ambra tem apenas algum, isto leva a que a atriz seja levada em desconsideração em relação ao produtor. É uma visão misógina mas que infelizmente é uma realidade atual que afeta muitas vítimas.

Vários estudos sobre a representação de abusos sexuais na média, afirmam que a vítima é muitas vezes demonstrada com eufemismos e estereótipos acabando por dar tirar todo o peso da situação e dando uma ideia de sensacionalismo. Muitas vezes a notícia acaba mesmo por se focar no perpetrador, frequentemente culpando a vítima e lembrando que certos sítios, lugares, horas, atitudes são perigosos para as mulheres, e isto acaba por dar uma ideia de que quem tem de evitar um abuso sexual é a mulher, neste caso a vítima, e não o agressor. Um exemplo disto é o caso de Brock Turner, um jovem que violou uma rapariga inconsciente numa festa, diversas notícias estavam repletas de fotografias da vida de Brock e relatos da sua família e amigos destruídos, quase que num apelo à empatia.

Brock chegou a ser detido, mas foi solto sob fiança, a sua pena foi leve pois foi decidido que ele era jovem e não havia necessidade de estragar a sua vida. Isto é muito danoso para a sua acusadora, e para potenciais futuras vítimas, isto é visto como uma prova que denunciar ou não denunciar vai levar ao mesmo: nada ser feito.

Este tratamento que existe deste tipo de agressões por parte da mídia é consideravelmente danoso para o público, para o cidadão e para o jornalista. Isto põe diversas vezes em causa a confiança que existe entre eles e este foi o grande erro cometido neste caso. As acusações que foram feitas sobre Ambra por parte dos tabloides não só arruinaram a reputação da atriz mas tampouco podiam ter vindo a acabar com a confiança da mesma nos jornalistas, felizmente não foi o que *aconteceu* uma vez que Ambra entregou as gravações do assédio ao *New York Times*. Obviamente a divulgação de falsas informações é extremamente prejudicial para um meio de comunicação podendo levar a que perca audiências ou a desacreditação por parte das mesmas, diversas vezes estas informações falsas são pagas, isto é, alguém com poder paga para ser escrita um artigo que o favoreça, não foi o caso, mas é algo tão incomum. Além do mais, estas notícias falsas levam o cidadão a interrogar-se se realmente pode confiar no jornalista, se o que está descrito por ele é a realidade, se está manipulado ou até mesmo até que ponto o jornalista é imparcial. Aqui não houve verificação dos factos, Ambra saiu duas vezes com Weinstein sendo que a segunda serviria para ter as provas físicas de que realmente existia uma situação de assédio sexual, no entanto a imprensa usou esse segundo encontro para dizer que se tivesse realmente existido uma agressão sexual a atriz não teria voltado a sair com o seu atacante. Acima de tudo estas informações falaciosas são calamitosas para as vítimas deixando-as com medo de falar e expor as suas histórias como também propaga a ideia atual, mas em queda, da cultura da violação. Ou seja apesar de ser um crime hediondo os crimes sexuais são retratados com sensacionalismo nos média, podendo até ser romantizados em meios culturais como filmes, livros, televisão, entre outros. Tudo isto retira a gravidade do crime e normaliza-o, potenciando agressores e criando novas vítimas.

Atualmente inúmeras pessoas e movimentos combatem esta cultura da violação em que vivemos. As redes sociais tem vindo a ajudar muito neste aspeto: “mais utilizadores apoiam-se no *Twitter* e outras plataformas sociais para descobrir o que se passa no mundo” (Bruns 2012, pág.99), isto é facilmente explicado uma vez que estas plataformas

são abrangentes a quase todo o mundo, levando a que pessoas se conectem de diversos pontos do globo e facilmente e quase instantaneamente podem descobrir o que se passa noutro sítio. Um exemplo destes movimentos é o já referido *MeToo*, que apesar de ter nascido em 2006 na rede social *MySpace* foi de grande importância para o desenvolvimento deste caso. Toda a repercussão que o caso teve com os meios de comunicação ajudou a que a comunidade *online* se juntasse na exposição de Weinstein, sendo que no dia dos julgamentos deram-se originadas neste movimento à porta do tribunal onde decorriam. Devido a estas manifestações o culpado afirmou que foi feita demasiada pressão e por conseguinte teve uma pena mais dura do que deveria.

Já teríamos inicialmente observado uma cooperação entre o jornalista e o cidadão anteriormente, mas agora é intensificada. Com mais pessoas a chegarem-se à frente e a expor as atrocidades cometidas por Weinstein, principalmente atrizes famosas, acaba por dar mais coragem a outras mulheres de também relatar as suas experiências. Este movimento impulsionou de uma forma interessante este caso ao incentivar as vítimas a contar as suas vivências e tampouco lhes deu um lugar onde seriam ouvidas e compreendidas, e não desprezadas e ignoradas. Para o avanço da investigação do culpado esta comoção, empatia e sororidade que existiu dentro da internet foi de grande importância, e segundo Blaagard (2012) “Afetividade é uma força vinculativa social e política entre as pessoas e o público e assim é potencialmente uma contribuição para a solidariedade transitória, ou envolvimento cosmopolita.” (Blaagard, 2012, pág. 198), Ou seja, o afeto que houve entre estas mulheres impulsionou-as a participar e a contribuir na detenção do agressor, foram movidas por essa empatia, encorajando-se umas às outras e a si mesmas, desta forma conseguiu-se dezenas de relatos que foram deveras úteis para a investigação.

Obviamente que tantas denúncias e acusações, principalmente de tantas mulheres de renome chamou a atenção de vários meios de comunicação. O movimento *MeToo* que até então se encontrava “adormecido” é agora manchete de diversas notícias e falado em todo o mundo dando a conhecer todo o caso de Harvey Weinstein. O desempenho das redes sociais nem sempre é benéfico neste tipo de casos, pois não existe forma de comprovar as informações ou é muito complicado, mas neste caso foi muito vantajoso. Presenciamos a tal relação de mutualismo tão necessária entre o jornalista e o cidadão, a barreira que os separa é destruída e o cidadão não é apenas um espectador, neste caso as vítimas têm

agora nas suas mãos um dispositivo poderoso que pode ajudar a dar mais conteúdo ao jornalista. O ato de simplesmente abrir o computador e o *Twitter*, escrever o seu relato é importante, dá ao jornalista mais conteúdo, ajuda-o a compreender que ela não é apenas mais uma, ela pertence a um grande grupo de vítimas e não está pronta para se conformar. Como sua função o jornalista utiliza todo este acontecimento que já é de grande proporções para o dar a conhecer a quem não sabe, potenciando assim o movimento e todo este caso. O movimento *MeToo* ajudou desta forma os média, ao fazê-los perceber a imensidão do problema e abrindo portas para novas discussões sobre a tal cultura de violação, notamos assim que existiu uma busca de empatia e coragem para todos os que sofreram este tipo de violações, procurando acabar com a mentalidade de que estes crimes são raros e sensacionais, ou que os agressores são sempre pessoas estranhas ou que as vítimas se devem manter caladas e culpadas.

O caso Harvey Weinstein teve uma grande cobertura mediática no entanto esta notoriedade teve uma grande influência por parte do público, o que era de esperar uma vez que se trata de acontecimentos que envolvem pessoas tão reconhecidas. A cooperação das vítimas com o *New York Times* foi o grande ponto de partida para o desenvolvimento de um desfecho tão surpreendente, assim a coragem e apoio que estas mulheres sentiram levou inúmeras outras a denunciar o agressor e o que era para ser apenas uma reportagem acaba numa detenção após anos e centenas de abusos sexuais. A forma como o público foi cativado pela notícia e posteriormente pelas publicações no *Twitter* é admirável, anos de agressões tiveram final o seu fim após provas e relatos, para os quais foi necessária muita coragem, serem publicados. Foram cometidos alguns erros pela imprensa quando foram publicados textos insultuosos sobre Ambra, no entanto a atriz não perdeu a confiança nos mesmos e colaborou com jornalista para expor toda esta situação, e consequentemente ao desfecho que hoje conhecemos.

A cooperação que houve foi de extrema necessidade e pode ser um impulso a um futuro em que haja mais confiança entre jornalista e cidadão, pois o cidadão confiará no jornalista para contar a sua história, com a expectativa de que poderá ajudar outros e a si mesmo. Ao passo que o jornalista tampouco procurará o cidadão para ter um relato em primeira mão e compreende-lo, e assim perceber também o que espera o público. A relação que tantas vezes foi lastimada aqui é fortalecida abrindo portas para um futuro em que as notícias são mais interativas e barreiras entre público e imprensa são quebradas,

principalmente com a internet que muitas vezes ajuda também a dar relevância a certos trabalhos do jornalismo e a alcançar mais audiências e, como neste caso, mais informação levando a uma notícia mais completa e perto do cidadão.

4. Conclusão

O jornalismo participativo encontra-se neste momento em crescimento, num crescimento impossível de evitar ou conter devido, principalmente, ao progresso da internet e das redes sociais. Como observamos em ambos os casos analisados as redes sociais forma pontos cruciais para o desfecho dos acontecimentos, foram áreas de surgimento, desenvolvimento e disseminação dos mesmos. O desejo de resolução de certos problemas levou a que o cidadão comum se insurgir-se e lutar contra tal, para tal utilizou todos os recursos e ferramentas a seu dispor para tal, estas mesmas ações quando usufruídas e exploradas pelo jornalista leva a grandes vantagens para ambos o jornalista e o cidadão.

Porém também foi notado que este tipo de ferramentas para além das suas vantagens tem tampouco desvantagens. Sendo que as redes sociais são usadas por milhares de utilizadores e constantemente a informação é rápida e instantânea muitas vezes demasiado rápida, fazendo com que não exista tempo de verificação de factos e levando a que extremismos sejam criados. Com o decrescido número de jornalistas a averiguação dos factos torna-se ainda mais complicada, além disso, representações da realidade como fotografias e vídeos que *A priori* deveriam representar a verdade podem atualmente ser facilmente alteradas e manipuladas tornando ainda mais complicado o trabalho do jornalista em distinguir os factos das falácias. Contudo algumas resoluções foram já apresentadas para estes problemas como *sites*, blogues e perfis de redes sociais que se dedicam a averiguar a verdade por detrás de certas notícias, recuperando assim a confiança do público.

O jornalismo deve continuar a ser profissionalizado até porque o cidadão comum nunca terá o treino e ferramentas necessárias para ele próprio ser um jornalista, todavia aproxima-se cada vez mais. Este esmorecer da linha que os separa não tem de ser um prejuízo, se for bem aproveitado e realmente existir uma colaboração em que a compreensão seja a base, onde o jornalista realmente está disposto a ouvir e processar a informação dada pelo cidadão, que por sua vez conta a verdade e tenta ajudar o jornalista. Tudo isto pode muito bem vir a ser uma revolução mediática, mas para tal é necessário que haja confiança e entendimento em ambas as partes para que o proveito seja mútuo e continue a evoluir até um cenário perfeito onde o cidadão participa de forma controlada e onde o jornalista pode acreditar no cidadão.

5. Referências Bibliográficas

Abbott, J. (2017). *Tensions in the Scholarships on Participatory Journalism and Citizen Journalism* [Em linha] Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/23808985.2017.1350927?needAccess=true&role=button>> [Consultado em 16/05/2023]

Bastos, H. (2006). *Ciberjornalismo: dos primórdios ao Impasse* [Em linha] Disponível em <: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-dos-primordios-ao-impasse.pdf> > [Consultado em 02/07/2023]

Bastos, H. (2009). *Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal* [Em linha] Disponível em < <http://bocc.ufp.pt/pag/bastos-helder-da-implementacao-a-estagnacao.pdf> > [Consultado em 02/07/2023]

Blaagard, B. B. (2012). *Situated, Embodied and Political* [Em linha] Disponível em < <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/1461670X.2012.718547?needAccess=true&role=button> > [Consultado em 16/05/2023]

Bowman, S. e Willis, C. (2003). *We Media* [Em linha] Disponível em < <https://www.yumpu.com/en/document/read/6342400/we-media-how-audiences-are-shaping-the-future-of-news-and-> > [Consultado em 17/05/2023]

Bruns, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative online news production*. Nova Iorque, Peter Lang

Canavilhas, J. M. (2003). *WEBJORNALISMO Considerações Sobre o Jornalismo na Web* [Em linha] Disponível em <: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> > [Consultado em 02/07/2023]

Carpenter, S. M. (2008). *How online citizen journalism publications and online newspapers utilize the objectivity standard and rely on external sources*. *Journalism & mass communication quarterly* [Em linha] Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/254120360_How_Online_Citizen_Journalism_Publications_and_Online_Newspapers_Utilize_the_Objectivity_Standard_and_Rely_on_External_Sources > [Consultado em 24/06/2023]

Chouliaraki, L. (2006). *The spectatorship of suffering*. Londres, Sage Publications

Correia, J. C. 2010. *Novos jornalismo e vida cívica: limites e possibilidades do «jornalismo deliberativo»* [Em linha] Disponível em < https://www.researchgate.net/profile/Joao-Correia-23/publication/266139800_Novos_Jornalismo_e_Vida_Civica_limites_e_possibilidades_do_jornalismo_deliberativo/links/542681b70cf238c6ea7794c4/Novos-Jornalismo-e-Vida-Civica-limites-e-possibilidades-do-jornalismo-deliberativo.pdf > [Consultado em 02/05/2023]

Documentário *Don't F*ck With the Cats*, Netflix [Em linha] Disponível em < <https://www.netflix.com/search?q=don&jbv=81031373> > [Consultado em 21/04/2023]

Documentário *Weinstein*, Youtube [Em linha] Disponível em < [Weinstein \(full documentary\) | FRONTLINE](#) > [Consultado em 05/05/2023]

Min, S. J. 2016. *Conversation through journalism: Searching for organizing principles of public and citizen journalism*. *Journalism* [Em linha] Disponível em < <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884915571298> > [Consultado em 02/05/2023]

New York Times [Em linha] Disponível em <
<https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html>> [Consultado em 05/05/2023]

Nip, J. Y. M.2006. *Exploring the Second Phase of Public Journalism* [Em linha] Disponível em <
<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/14616700500533528?needAccess=true&role=button>> [Consultado em 28/04/2023]

Örnebring, H. (2013). *Anything you can do I can do better? Professional Journalists on citizen journalism in six European countries*. [Em linha] Disponível em <
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1748048512461761>> [Consultado em 18/06/2023]

Polígrafo [Em linha] Disponível em < <https://poligrafo.sapo.pt/> > [Consultado em 17/04/2023]